

Debates acadêmicos sobre gênero na revista *Cadernos Pagu* (2001 – 2019)

Isabella Bonaventura de Oliveira¹

Raiany Souza de Oliveira²

Sérgio Felix Pires³

Resumo

Esse texto mapeará os debates nacionais no campo de estudos de gênero a partir dos artigos publicados na revista *Cadernos Pagu*, entre 2001 e 2019. A periodização escolhida nesse estudo de caso agrega os exemplares disponíveis na plataforma Scielo. Por meio dessa perspectiva, se deseja discutir como os estudos de gênero se inserem nas iniciativas de acesso público e gratuito à produção acadêmica, propiciadas por plataformas como a Scielo. O mapeamento dos artigos publicados no *Cadernos Pagu* inclui a análise das(dos) autoras(es), suas instituições de origem, língua na qual os trabalhos foram aceitos, bem como os conteúdos dos dossiês temáticos e entrevistas empreendidas nas décadas iniciais dos anos 2000. Essa abordagem permite traçar um quadro inicial dos principais temas, perspectivas teóricas, autoras e autores que pautaram os debates sobre gênero no período em questão.

Palavras – Chave: Estudos de Gênero; Acesso Aberto; *Cadernos Pagu*.

Introdução

Este capítulo tem como objetivo realizar um mapeamento da produção acadêmica no campo dos estudos de gênero, entre 2001 e 2019, tomando como base as publicações da revista *Cadernos Pagu*, fundada em 1993 pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, vinculado à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Esse periódico é lançado semestralmente, possui 54 números disponíveis em versão física e digital, bem como dispõe de 28 indexações, das quais 24 estão em repositórios europeus, estadunidenses e latino-americanos⁴.

Além das plataformas internacionais, o *Cadernos Pagu* está indexado nos portais de periódicos da Capes, da Unicamp e na plataforma Scielo, que contém as publicações posteriores ao número 16 (2001). Essa revista também possui boas avaliações junto aos

¹ Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social.

² Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social.

³ Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social.

⁴ Dados disponíveis no site oficial da revista: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/cadernos-pagu> . Acesso em 10/06/2019.

portais de periódicos da CAPES. Segundo dados da Plataforma Sucupira⁵, essa publicação mantém Qualis A1 para as áreas de Antropologia, Sociologia, Direito e Interdisciplinar. Parecer A2 em História, Comunicação e Informação, Artes, Educação. Qualis B2 nas áreas de psicologia e saúde coletiva e B3 em enfermagem.

A ampla circulação dos *Cadernos Pagu* em portais de periódicos nacionais e estrangeiros, atrelada à sua boa avaliação junto à CAPES, nos indica a pertinência desse periódico no campo de estudos de gênero no Brasil, motivo pelo qual o utilizaremos como fonte de estudos. Nos propomos a analisar os conteúdos de seus dossiês temáticos, a origem e filiação institucional de suas autoras/es, os idiomas nos quais os artigos foram aceitos e quais entrevistas compuseram esse periódico. Ao longo do trabalho, abordaremos os números da revista disponíveis na plataforma Scielo (39 números), de modo a mapearmos quais direções, tendências e abordagens pautaram os debates acadêmicos sobre gênero nos últimos dezoito anos.

Por meio dos números disponíveis online na plataforma Scielo, também refletiremos como as pesquisadoras/es do campo de estudo de gênero se relacionam com as regras e procedimentos de publicação em revistas de acesso aberto, disponíveis e anexadas em plataformas virtuais.

1. Cadernos Pagu no SciELO: Acesso Aberto e pesquisas sobre gênero

O *Cadernos Pagu* é um periódico de acesso aberto, disponível na plataforma Scielo. Desta forma, consideramos importante contextualizar o debate atual sobre o acesso aberto aos periódicos científicos e seu potencial para a democratização e inovação da ciência.

Tal debate atingiu um novo patamar com a política anunciada pela União Europeia de disponibilizar gratuitamente todas as publicações de revistas científicas em todos os seus Estados-membros a partir de 2020⁶. Na América Latina, a plataforma do SciELO – onde estão indexados os números dos *Cadernos Pagu* – é pioneira nessa política de “Open Access” e oferece valiosa experiência e testemunho na construção de uma ciência mais plural, democrática e produtiva.

⁵ Informações disponíveis para consulta em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Data de acesso: 10/06/2019.

⁶ Para mais informações, consultar: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/07/14/o-futuro-do-acesso-aberto/> acesso em 19 de junho de 2019.

De acordo com Latour (2011), destacamos que o pior destino para um artigo científico é ser ignorado:

Contudo, há algo ainda pior do que ser criticado ou demolido por leitores descuidados: é ser ignorado. (...). Você pode ter escrito um artigo que encerra uma terrível controvérsia, mas, se ele for ignorado pelos leitores, não poderá transformar-se em fato; simplesmente não pode. (p. 70).

Consideramos que o livre acesso aos Cadernos Pagu, contribui e dinamiza o debate sobre gênero no Brasil, difundindo as pesquisas empreendidas nesta área, que em outro contexto de publicação enfrentariam dificuldades na busca por leitores e correriam o risco de se tornarem obsoletas, sem a necessária visibilidade para o público. A divulgação da pesquisa científica, portanto, é fundamental para o desenvolvimento da ciência, permitindo que essa atividade possa se inovar constantemente através do câmbio contínuo de ideias e resultados de pesquisa. A potência da ciência está nessa dinâmica que possibilita inclusive a crítica entre os pares e a revisão de teorias. É crucial ao pesquisador que seu trabalho seja conhecido e, para tanto, as publicações científicas possuem papel central, divulgando as pesquisas e tornando-as acessíveis ao público em geral.

É antiga a necessidade da divulgação para a dinâmica da ciência; as primeiras revistas nesse formato surgem no ano de 1665, como o periódico francês *Journal des Savans* e o inglês *Philosophical Transactions* da *Royal Society of London* (SOUZA, 2006, p. 24). Ao longo dos séculos XIX e XX, a importância e prestígio dos periódicos científicos cresceram, atualmente esses espaços de debate dispõem de alto patamar de produtividade, especialmente graças ao surgimento da internet, que viabilizou a existência de periódicos em plataformas digitais.

1. 1 Pioneirismo da SciELO na política de Acesso Aberto na pesquisa

Desde sua criação na década de 1970, a internet vem se constituindo num dos principais meios de comunicação, possuindo grande potencial para a difusão da pesquisa científica. O número de periódicos científicos digitais cresceu de forma acelerada na década de 1990. Em 1995, o número de revistas “on-line” em todo o mundo era de 306 e no ano de 1999 editoras como a *Reed Elsevier*, *Springer* e *Academic Press* já possuíam juntas mais de 1700 revistas on-line, tornando-se raro que uma boa revista não tivesse versão para a internet (SOUZA, 2006, 26).

Nesse contexto, as publicações digitais brasileiras apresentaram um salto quantitativo e qualitativo, que podemos relacionar com a criação do SciELO (Scientific Electronic

Library On-line) em 1998. O SciELO surge com a proposta de ser um portal de periódicos digitais com Acesso Aberto (AA), sendo originalmente financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e a BIREME – Centro Latino Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (PACKER et al., 2014, p.17). É importante sublinhar que o SciELO surge com a proposta de acesso aberto para periódicos científicos antes dessa proposta ser uma política da UNESCO, com o lançamento da Declaração de Budapeste⁷ (Idem, p.19).

No momento de sua criação a SciELO tinha como objetivos principais desenvolver a infraestrutura para indexar periódicos na internet e aumentar a visibilidade e o impacto dessas publicações. O projeto SciELO foi:

[...] concebido como um projeto e uma estratégia para superar o fenômeno conhecido como "ciência perdida", causado pela presença muito fraca dos periódicos de países em desenvolvimento nos índices internacionais. Além da falta de visibilidade, este fenômeno também se manifestou na falta de comunicação, em muitas áreas, entre os pesquisadores de países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como entre os pesquisadores de países em desenvolvimento. (GIBBS, 1995 citado por PACKER et al., 2014, p. 17)

Como os países em desenvolvimento⁸ possuem periódicos com presença muito fraca nos índices internacionais – problema agravado pela falta de comunicação com os pesquisadores de países desenvolvidos –, esses primeiros sofriam com o fenômeno da “ciência perdida” (Idem, p.17). O projeto SciELO foi uma resposta a esse desafio, aproveitando a recente inovação tecnológica da comunicação via internet.

O SciELO se tornou uma referência de qualidade e parte essencial da infraestrutura de publicação de revistas científicas na maioria dos países em que atua, demonstrando o sucesso de sua estratégia pioneira de acesso aberto. Essa plataforma opera segundo alguns critérios específicos, tendo em vista garantir a idoneidade de internacionalização das pesquisas publicadas. Para tanto só são aceitos periódicos que adotam a avaliação entre pares na aceitação dos manuscritos, bem como dispõem de artigos em diferentes idiomas (PACKER et al., 2014, p. 17).

⁷ Declaração que definiu pela primeira vez o termo “Open Access” e estratégias para alcançar o acesso aberto nos periódicos acadêmicos. Mais sobre o assunto, consultar: <http://www.sibi.usp.br/apoio-pesquisador/acesso-aberto-usp/entenda-o-que-e-acesso-aberto/> acesso em 19 de junho de 2019.

⁸ Neste artigo, evitou-se entrar no debate sobre o conceito de Desenvolvimento na classificação do estágio Histórico-Econômico de cada país, dentro do processo internacional capitalista. Portanto, os conceitos de país “Desenvolvido” e “em desenvolvimento” seguem a terminologia adotada pelos autores da obra escolhida como referência principal para a elaboração dessa seção.

Podemos resumir a missão do SciELO na seguinte passagem: “o SciELO sustenta a ideia de que o progresso da ciência implica no progresso da comunicação científica, que inclui a capacidade de produzir periódicos de qualidade” (Idem, p.19). Percebemos, então, a centralidade da divulgação da pesquisa para o desenvolvimento da ciência, especialmente no contexto latino-americano em que as instituições de pesquisa (e seus pesquisadores) sofrem com recursos limitados para desenvolverem seu trabalho. Nesse ambiente precário, os pesquisadores(as) em aliança com a plataforma SciELO apostam na comunicação e difusão de seus resultados, de modo a se firmarem no cenário acadêmico internacional.

Abaixo, segue o Quadro 1 com alguns dados que demonstram a amplitude da plataforma do SciELO:

Quadro 1 - Dados gerais do SciELO	
Rede SciELO implantada (livros e periódicos)	Presente em 12 países: África do Sul, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Peru, Portugal, Venezuela
Rede SciELO em implantação	Bolívia, Paraguai e Uruguai
Coleções temáticas implantadas	Saúde Pública e Social Sciences
Coleções temáticas em desenvolvimento	West Indian Medical Journal e Brasil Proceedings
Dados totais de todas as coleções	1.022 periódicos, 28.781 edições, 425.654 artigos, 9.319.095 citações

Fonte: Elaboração dos autores com base em PACKER et al, 2014: 63-4.

Apesar do grande alcance que o SciELO conquistou no campo da divulgação científica, e plataforma convive com um desempenho “médio-baixo” no que diz respeito ao fator de impacto das revistas de sua plataforma. As publicações em geral têm desempenho muito aquém do esperado no que diz respeito ao número de citações recebidas, particularmente nos índices internacionais. A maioria dos periódicos de sua base de dados possuem, por essa razão, baixo impacto internacional. (PACKER et al., 2014, p.19).

Em que pese a crítica sobre as limitações do uso do fator de impacto⁹ para avaliar a qualidade de uma revista, fato é que esse baixo desempenho apresenta um desafio à plataforma SciELO e, por consequência, para todas as revistas digitais latino-americanas de acesso aberto (Idem, p. 20). Em resumo, a fragilidade do SciELO e de sua rede de periódicos de acesso aberto consiste nisso: a plataforma ampliou de forma bem-sucedida o acesso e a divulgação científica, mas não conseguiu obter impacto científico quando comparado com a produção acadêmica dos países desenvolvidos.

As razões do baixo impacto dos periódicos indexados à SciELO frente aos índices internacionais elaborados e liderados pelos países desenvolvidos envolve uma relação de concorrência desigual. A baixa visibilidade dos artigos disponíveis na base do SciELO, devido a adoção pela maioria dos países do critério de “fator de impacto científico”, tem como efeito restringir o desenvolvimento de periódicos de âmbito nacional. Outro fator a ser considerado são as parcerias que os países desenvolvidos estabelecem entre pesquisadores e grandes corporações do mercado editorial, conseguindo realizar uma produção de artigos em larga escala e de forma profissionalizada. Em contraste, as publicações acadêmicas dos países em desenvolvimento são, em geral, independentes e mais dispersas, situação problemática quando se considera o “fator de impacto científico” de seus artigos, impedindo a efetivação de processos editoriais que reduzem os custos e ampliam o alcance da revista. (PACKER et al., 2014, p.22).

Um último fator é o chamado “Efeito Mateus¹⁰” (Idem, p.21-2), esse efeito se manifesta da seguinte forma: as revistas de maior impacto científico atraem os artigos de pesquisadores de maior relevância, ou os estudos de ponta, aumentando ainda mais o impacto científico desses periódicos e tornando ainda mais desfavorável a comparação entre a produção realizada nos países desenvolvidos com aqueles em desenvolvimento.

Considerando que muitas das revistas de alto impacto são de acesso restrito, exigindo o pagamento de taxas para submissão de artigos e assinaturas, temos aqui reunidos os principais elementos de uma ciência elitizada, excludente e regionalista, que relega à irrelevância pesquisas que também possuem capacidade de inovação, mas estão publicadas em revistas pouco citadas. Nesse ponto, destacamos o papel da SciELO,

⁹ Número de vezes que uma publicação é citada por outras publicações.

¹⁰ Conceito cunhado originalmente pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton em 1968. O termo, amplamente utilizado pela Sociologia da Ciência, faz analogia à Parábola dos Talentos do Evangelho Segundo Mateus e serviu a Merton para analisar as vantagens acumulativas que os diversos atores no processo científico recebem devido ao status e fama que possuem na área.

enquanto poderoso canal de divulgação e valorização de pesquisas desenvolvidas no contexto latino-americano. Ainda que o impacto científico esteja aquém do esperado – e sempre podemos nos questionar se a ciência, para ser considerada de qualidade, depende exclusivamente do número de citações –, a facilidade do acesso aberto democratiza a divulgação científica.

1. 2 Pesquisas sobre gênero no contexto de um periódico de Acesso Aberto

Tais considerações sobre a plataforma do SciELO e as publicações de acesso aberto nos permitem analisar melhor a importância dos *Cadernos Pagu* para os debates e pesquisas sobre gênero no Brasil. Como vimos acima, esse periódico de acesso aberto dispõe de parte de seus números indexados no SciELO, contribuindo à difusão das pesquisas acadêmicas sobre gênero no contexto latino-americano, conferindo-lhes visibilidade e evitando que se transformem em “pesquisas perdidas”. Como veremos a seguir, a estrutura dos *Cadernos Pagu* permite que seus conteúdos não se restrinjam aos espaços acadêmicos, recebendo artigos e entrevistas realizados com ativistas e indivíduos envolvidos no debate sobre gênero e sexualidade.

Em seu escopo, esse periódico se dispõe a contribuir à inovação teórica e metodológica para o campo da pesquisa sobre gênero; inovação que só pode existir a partir do debate e da divulgação das ideias e pesquisas nessa área. O acesso aberto às suas publicações coloca os *Cadernos Pagu* em sintonia com as tendências atuais de democratização e difusão da produção acadêmica em outros eixos além do circuito europeu e estadunidense. A visibilidade proporcionada pelo SciELO promove novas dinâmicas com consequências científicas e políticas, uma vez que os estudos sobre gênero ainda enfrentam resistência na sociedade e mesmo dentro da academia.

2. Construindo redes para o estudo de gênero: os artigos da *Cadernos Pagu*

Antes de abordarmos os conteúdos e dinâmica interna dos *Cadernos Pagu*, situaremos alguns debates que envolveram a conformação do campo de estudos de gênero no Brasil. Segundo Miriam Grossi, essa área de pesquisa ganhou força no cenário nacional no contexto de luta contra a Ditadura Militar, em meados dos anos 1970:

No Brasil, devido à ditadura militar, o feminismo se desenvolve com algumas particularidades. Uma delas é a grande importância do caráter de luta de classe e contra a ditadura que marca as primeiras publicações feministas dos anos 70 (*Jornais Brasil Mulher e Nós, Mulheres*). (GROSSI 2004: 213).

Suzana Silva, por sua vez, menciona o protagonismo das mulheres de periferia nesse processo de luta política, colocando novas demandas aos grupos dirigentes e, inclusive,

apontando para diferentes maneiras de pensar as relações hierárquicas e desigualdades de gênero:

Principalmente em São Paulo, mulheres de periferia, através das comunidades da Igreja Católica reivindicam ao Estado o atendimento das necessidades básicas como creches, melhores salários, reclamam do custo de vida e unem-se contra a carestia. (...) Os movimentos de mulheres se especificam em relação a outros movimentos ao proporem uma nova articulação entre a política e a vida cotidiana, entre esfera privada, esfera social e esfera pública. (SILVA, 2000)

As autoras convergem no entendimento que o fortalecimento dos estudos de gênero não se deu por meio de um isolamento entre “o coletivo de especialistas” e as lutas sociais. Ambas consideram que o contexto de questionamentos políticos da década de 1970, somado à participação de mulheres no processo de redemocratização e escrita da constituição de 1988, reverberaram no modo como as pesquisas sobre gênero se organizaram e ganharam espaço acadêmico.

Os anos 1990 são apontados pelas autoras como momento no qual esse campo de análise passou a dispor de maior influência institucional, uma vez que foram fundados núcleos de pesquisa em universidades públicas, bem como periódicos voltados especificamente aos debates dessa área. Sendo este o contexto no qual o *Cadernos Pagu* emergiu

Em 1992, quando a REF [Revista Estudos Feministas] é criada, há, portanto no Brasil, uma sólida tradição de pesquisa sobre mulher e gênero. É também neste momento que se iniciam os *Cadernos Pagu*, publicação do núcleo de mesmo nome na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), hoje outra importante revista na área dos estudos sobre mulher e gênero no Brasil. O vigor destas duas publicações, às quais se somaram nos últimos anos, as revistas *Gênero* – publicada pelas pesquisadoras da Universidade Federal Fluminense - e *Espaço Feminino* pelo Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Uberlândia, mostra o quanto o campo de estudos feministas e de gênero se consolidou nos anos 90. (GROSSI 2004: 2013).

Compreendendo a importância dos *Cadernos Pagu* no estabelecimento institucional dos estudos de gênero, seguiremos os debates presentes nessa publicação, entre 2001 e 2019, de modo a compreender alguns caminhos pelos quais o campo de estudos de gênero se mantém como área acadêmica e dotada de reconhecimento científico. Segundo Ludwik Fleck, a formação de um campo de conhecimento é, necessariamente, fruto de uma atividade coletiva:

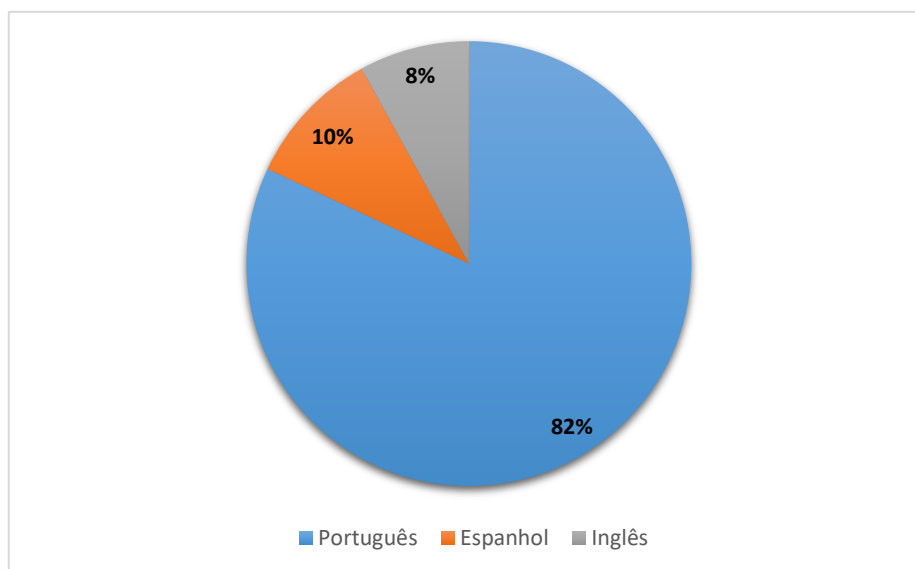
Quando se olha o lado formal do universo científico, sua estrutura social é óbvia: vemos um trabalho coletivo organizado com divisão do trabalho, colaboração, trabalhos preparativos, assistência técnica, troca de ideias, polêmicas, etc. Muitas publicações mostram o nome de vários autores que trabalham em conjunto. (...). Há uma hierarquia científica, grupos adeptos e adversários, sociedades e congressos, periódicos, instituições de intercâmbio,

etc. O portador do saber é um coletivo bem organizado, que supera de longe a capacidade de um indivíduo. (FLECK 2010: 85).

Adotando essa perspectiva, pretendemos mapear as distintas autoras e autores que circularam pela revista, os dossiês organizados e as entrevistas publicadas, de modo a analisar quais grupos estão sendo chamados a compor esse coletivo, produzir conhecimento e definir os objetos de análise dessa área de estudo.

A maioria dos artigos publicados nessa Revista estão escritos em português (82%) e em espanhol (10%), marcando a localidade do corpo editorial e do público leitor privilegiado pelo periódico: a comunidade acadêmica latino-americana (Figura 1). Os *Cadernos Pagu* buscam difundir a leitura de seu conteúdo entre os países do cone sul, o que é reforçado pela publicação de traduções de capítulos de livros em línguas estrangeiras, considerados fundamentais para a discussão de gênero no momento da publicação. Esse é o caso, por exemplo, do artigo intitulado “Além do falo” (nº 16, 2001), sexto capítulo do livro *Thinking through the Body* [Pensando com o Corpo] (1988), de Jane Gallop.

Figura 1 – Línguas Utilizadas



Fonte: Autores (2019).

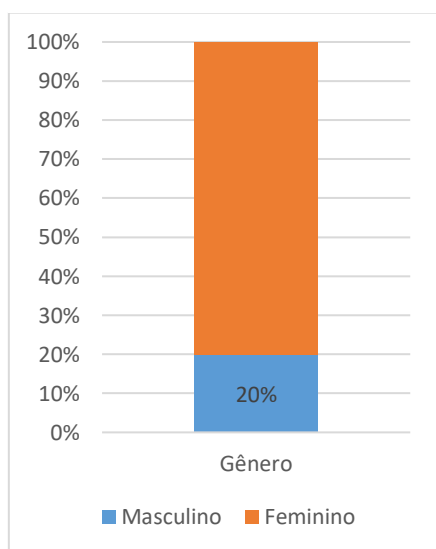
A preocupação com o alcance, a inserção internacional e a boa classificação do periódico pelos indicadores de qualidade estão presentes na adoção dos títulos dos artigos na língua original e em inglês. O mesmo ocorre com os resumos, que também são publicados em língua inglesa. A partir do número 46 (2016) são publicados artigos completos em língua inglesa, acompanhados da versão em português ou espanhol. Ainda assim, o posicionamento político da revista e o seu cuidado com os(as) leitores(as) locais

permanecem ao traduzirem para o português terminologias, nomes de cidades e títulos de obras estrangeiras.

Nesse sentido, o diálogo que muitos artigos estabelecem com a exploração de problemas locais *versus* o interesse global reflete a preocupação da revista em contemplar diferentes visões e abordagens sobre as temáticas apresentadas. No número 41 de 2013, encontramos esse diálogo entre o *global x local* em artigos como “O monstro contemporâneo: notas sobre a construção da pedofilia como ‘causa política’ e ‘caso de polícia’” de Laura Lowenkron e o artigo “Identidade e pertencimento: a dinâmica social de um grupo de mulheres no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul” de Edi Fassini, Neli Galarce Machado e Glauco Schultz.

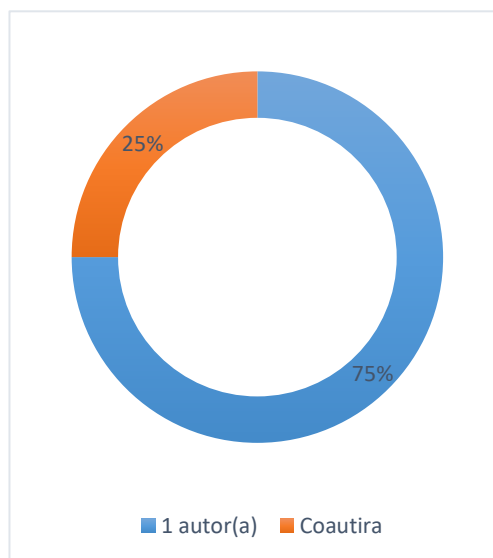
Outra característica geral desse periódico é a predominância de autoras, cerca de 80% no período analisado (Figura 2). Também encontramos a colaboração de autores, abordando temas relativos à masculinidade, homossexualidade e, também, como coautores. Percebemos ainda o índice consideravelmente baixo de artigos feitos em coautorias (25%), que dispõem de recorrência nos números mais recentes da revista (Figura 3).

Figura 2 – Relação de autoras/es publicados (aprox.)



Fonte: Autores (2019).

Figura 3 - Artigos publicados com 1 autor(a) e em Coautoria



Fonte: Autores (2019).

A pluralidade de formação das autoras que publicam nos *Cadernos Pagu* também se mostra um aspecto relevante, não se tratando de estudiosas restritas ao cenário acadêmico,

mas também ativistas, envolvidas com lideranças políticas locais e internacionais, e coletivos feministas, como é o caso de Lorena Godoy, Judith Butler, Laís Abramo, dentre outras. A rede exógena de pesquisadoras/pesquisadores formadas por intermédio dos dossiês publicados por esse periódico alcança a integração entre diferentes polos de estudos de gêneros, notadamente os latino-americanos, europeus, estadunidenses, africanos e orientais. Destacamos como a formação dessas redes mais amplas de autoras(es), fortalece e enriquece o campo de estudos de gênero, como veremos a seguir a respeito da organização de dossiês temáticos.

3. Cadernos Pagu: Dossiês temáticos, debates e entrevistas

Entre 2001 e 2019, a revista *Cadernos Pagu* se organizou majoritariamente em torno de dossiês temáticos. Ao longo de suas edições também constam artigos de fluxo contínuo, resenhas e entrevistas. Dos 39 números analisados, somente 6 edições não se organizam em torno de dossiês, levando-nos a concluir que 85% das publicações abordadas se estruturam nesse formato.

O conteúdo desses eixos estruturantes é bastante diversificado, envolvendo temas como: “Erotismo” (2003), “Mídia” (2003), “Gênero & Saúde” (2005), “Gênero no mercado do sexo” (2005), “Repensando a Infância” (2006), “Famílias em Movimento” (2007), “Educação das Masculinidades” (2010), “Pornôs” (2012), etc. Ao longo dos dossiês, destacamos a presença de publicações oriundas de pesquisas em antropologia, sociologia, história, pedagogia, saúde coletiva, psicologia, direito, relações internacionais, publicidade, entre outras áreas.

Nesse sentido, a elaboração dos dossiês nos permitem refletir como uma revista voltada aos estudos de gênero deve estar disposta a aceitar publicações oriundas de distintas áreas e com diferentes concepções sobre prática e escrita acadêmica. Essa heterogeneidade possibilita a promoção de um diálogo mais amplo entre diferentes campos do saber e permite, inclusive, a formação de maior cabedal crítico frente às questões de gênero e sexualidade.

Em diversos textos de apresentação dos dossiês, o corpo editorial do *Cadernos Pagu* se posiciona frente às temáticas mais discutidas no cenário internacional, propondo novos direcionamentos aos aportes teóricos adotados. Tal como na apresentação do dossiê “Sexualidades Disparatadas”, escrito por Richard Miskolci e Júlio Simões: “É nesse contexto que o presente dossiê se insere, portanto, com o intuito de apresentar um quadro

representativo dos modos como, da perspectiva das ciências humanas e sociais, estamos discutindo, incorporando e modificando a teoria queer." (p. 12). Nesse sentido, os elaboradores do dossiê tomaram como ponto de partida uma abordagem teórica atualizada e influente nos debates sobre gênero, com o intuito, inclusive, de firmarem seus apontamentos no debate internacional.

Tal relação entre os debates da revista e a produção acadêmica internacional também de expressa em alguns dossiês elaborados entre 2008 e 2017, que resultaram de encontros acadêmicos ou fóruns de pesquisa estrangeiros. Como “Raça e Sexualidade em Diferentes Contextos” (2010), que contém os “resultados da pesquisa internacional “Relations among ‘race’, sexuality and gender in different local and national contexts.” (MOUTINHO; CARRARA, 2010: 9). As pesquisas apresentadas no Seminário Internacional “Repensando Gênero e Feminismos”, estruturaram a elaboração de variados dossiês temáticos: “Gênero e Cuidado” publicado no número 46 (2016) e na edição seguinte: “Feminismos”, “Economias sexuais e tráfico de pessoas”, “Intersecção de Diferenças nas Mídias Contemporâneas”, “Prazer e Perigo: 30 anos de Debate”, “Desafios da Interseccionalidade em Gênero, Ciência e Tecnologia” e “Relações de Gênero no Mundo do Trabalho” (2016). Por fim, algumas apresentações do Seminário Internacional “Cultura, Política e Trabalho na África Meridional”, realizado na Unicamp em parceria com o Harriet Tubman Institute, da York University, compuseram o dossiê: “História das Mulheres, Gênero e Identidades Femininas na África Meridional” (2017).

Através dessa dinâmica, os *Cadernos Pagu* atualizam e ampliam seu escopo de artigos e autores/as, agregando ao corpo da revista trabalhos apresentados em seminários e grupos de pesquisa internacionais. Essa iniciativa envolve, justamente, a promoção de alianças externas ao núcleo de estudos da Unicamp. Segundo Bruno Latour esse procedimento de integração é essencial à conformação de uma área de pesquisa e, conseqüentemente, de um grupo de especialistas: “Um especialista isolado é uma contradição em termos. Ou você está isolado e logo deixa de ser especialista, ou continua sendo especialista, mas isso significa que não está isolado.” (LATOURE, 2011: 239).

Além dos dossiês oriundos de seminários internacionais, destacamos outros três dedicados às temáticas externas ao circuito eurocêntrico, tais como: “Gênero e Islã” (2008), “Violência: outros olhares” (2011) e “Corpos, trajetórias e valores: Perspectivas de gênero, famílias e reprodução social em contextos africanos.” (2015). Sobre esse último, destacamos seu texto de apresentação, escrito por Marta Jardim e Diego Marques:

Os artigos deste dossiê ensaiam, cada uma à sua maneira, um duplo movimento teórico e metodológico. Por um lado, trata-se de articular a pesquisa histórica e etnográfica em contextos africanos ou afro-diaspóricos às atualizações promovidas no terreno dos estudos de gênero, família e reprodução social, reconhecendo a origem comum e congemina de muitos dos problemas de teoria. (p. 15).

Através dos trechos acima notamos como as abordagens teóricas que norteiam os dossiês são mutáveis e dialogam com objetos de análise. Assim como Donna Haraway, frisamos que o conhecimento se produz por meio de uma constante interação com os objetos de estudo, que desafiam os pressupostos do/a pesquisador/pesquisadora. Também ressaltamos que essa interação em nada compromete a noção de objetividade desse campo de estudos, uma vez que:

Explicações de um mundo "real", assim, não dependem da lógica da "descoberta", mas de uma relação social de "conversa" carregada de poder. (...) O mundo encontrado nos projetos de conhecimento é uma entidade ativa. Na medida em que uma explicação científica tenha sido capaz de se relacionar com esta dimensão do mundo como objeto de conhecimento, um conhecimento fiel pode ser imaginado e pode nos solicitar. (Haraway 1995: 37).

Esse diálogo entre teoria, análise e objetos de pesquisa está presente na organização das entrevistas publicadas no *Cadernos Pagu* entre 2001 e 2019. Diferentemente dos dossiês temáticos, a presença de entrevistas não se mostrou majoritária e não segue uma dinâmica fixa; dos 39 números analisados, somente 10 contaram com esse tipo de publicação (25%). Constam entrevistas originalmente publicadas em periódicos internacionais, como a de Vikki Bell (2001), de Paul Beatriz Preciado (2007), bem como a entrevista feita por Judith Butler à Gayle Rubin (2003). Fontes de pesquisa, como a entrevista elaborada por Nara Azevedo e Bianca Antunes, que tinha como objetivo ressaltar a atuação científica de Aída Hassón-Voloch entre as décadas de 1940 e 1990. Ou mesmo entrevistas com ativistas políticos como Gabriel Benzur e Mauro Cabral (2005).

5. Considerações Finais

Tomando como base os *Cadernos Pagu* - publicados entre 2001 e 2019 - mapeamos alguns conteúdos, objetos, teorias, autoras e autores que compuseram o coletivo dos estudos de gênero. Essa área de pesquisa manteve fortes relações com as pesquisas nacionais e produções latino americanas, coadunando-se com propostas de integração e acesso aberto que compuseram plataformas como a Scielo.

A grande quantidade de artigos publicados em português e espanhol indica o interesse desse periódico em estimular um debate entre pesquisadoras, pesquisadores e ativistas

latino-americanas(os). Ao mesmo tempo que temas não europeus serviram de base à artigos e dossiês temáticos, esse periódico se esforçou em manter diálogos com perspectivas teóricas e metodológicas estadunidenses e europeias. Nossa análise dos editoriais apontou como essa relação com pesquisas estrangeiras não se pautou na aceitação dos pressupostos externos, apontando as possibilidades e limitações que as teorias possibilitavam aos estudos de caso.

Por meio desta postura, notamos como o campo de estudos de gênero se conforma e se insere na cena internacional como área na qual teoria, prática e objetos de análise manteriam fortes diálogos, influenciando-se mutuamente. Os estudos de caso abordados pelos dossiês, as entrevistas e falas de militantes também nos indicam a preocupação dos estudos de gênero em apontar caminhos e propor debates que extrapolem os limites da academia, influenciando as políticas públicas.

Referências

GROSSI, Miriam Pilar. “A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 12(n/e): Florianópolis, setembro-dezembro/2004.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação como seguir cientistas e engenheiro sociedade afora*. Editora Unesp: São Paulo, 2011.

MERTON, R. “The Matthew effect in science. The reward and communication systems of Science are considered”. *Science*, 159, p. 56-63, 1968.

MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio. “Apresentação – Dossiê Sexualidades Disparatadas”. *Cadernos Pagu*, 27: Campinas, 2007.

MOUTINHO, Laura; CARRARA, Sérgio. “Apresentação - Raça e Sexualidade em Diferentes Contextos”. *Cadernos Pagu*, 35, 2010.

PACKER, A.L., et al., orgs. *SciELO – 15 Anos de Acesso Aberto: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica*. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7476/9789237012376>>. Acesso em 26 de jun. 2019.

SILVA, Susana Vele da. “Os Estudos de Gênero no Brasil: algumas considerações”. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 262: Barcelona, 2000.

SOUZA, E.L.S. “Publicação de revistas científicas na Internet”. *Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery*. v. 21(1), p. 24-28, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbccv/v21n1/a06v21n1.pdf>>. Acesso em 26 de jun. 2019.